



SERVIÇO VOLUNTÁRIO PARA O ENFERMEIRO RECÉM-FORMADO: ESTRATÉGIA PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO¹

Ana Cleide Soares Victor*
Maria Izabel Sampaio Carmagnani**
Luiza Hiromi Tanaka***

RESUMO

Introdução: A busca pela inserção no mercado de trabalho do egresso em enfermagem o coloca diante de situações complexas no início de sua vida profissional, relacionadas à exigência de experiência e competitividade no cenário atual da enfermagem. **Objetivo:** Compreender o significado atribuído pelo egresso de enfermagem à experiência de atuar como voluntário no início de carreira. **Método:** Estudo qualitativo realizado por meio de entrevistas com 20 enfermeiras que exerceram serviço voluntário em um hospital universitário. O Interacionismo Simbólico foi adotado como referencial teórico e, como referencial metodológico, utilizou-se a Análise de Conteúdo. **Resultados:** Para a enfermeira voluntária, a experiência profissional exigida pelo mercado de trabalho e a elevada concorrência por vaga de emprego foram os elementos que tornaram esta experiência difícil, em consequência de uma formação deficiente e do aumento da expansão dos cursos de graduação em enfermagem. **Considerações finais:** Exercer o serviço voluntário possibilita a interação de saberes teóricos e práticos que não foram totalmente dominados durante a graduação, bem como funciona como ferramenta de formalização de sua experiência profissional para empregabilidade.

Palavras-chave: Enfermagem. Voluntários. Mercado de Trabalho. Educação em Enfermagem.

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre a trajetória profissional dos egressos de enfermagem cresceram gradativamente nos últimos anos⁽¹⁾. As percepções e as experiências vivenciadas pelos recém-formados em enfermagem permitem avaliar as contribuições do ensino, em consonância com a realidade do trabalho, e identificar as dificuldades presentes neste processo de inserção no mercado de trabalho que podem ser encontradas por este profissional⁽¹⁻²⁾.

Na busca da inserção no mercado de trabalho, os egressos em enfermagem se deparam com situações complexas, como a exigência dos empregadores de profissionais capacitados e habilitados e a alta competitividade por vagas de emprego⁽³⁾. Como consequência, o egresso de enfermagem compara as exigências do mercado de trabalho com as capacidades adquiridas em sua formação e evidencia que a graduação não o preparou para as atuais exigências do mundo do trabalho⁽⁴⁾. Ainda, com o elevado número de egressos lançados no mercado de trabalho, muitos profissionais, sem

nenhum vínculo empregatício, aceitam formas de trabalho e salários precários, resultando no crescimento da informalidade das relações de trabalho e na estagnação de renda⁽⁵⁾.

Diante de situações complexas, os egressos sentem-se desafiados a buscar novas formas de obtenção de conhecimentos e diferencial competitivo para uma colocação profissional⁽⁶⁾. O serviço voluntário para enfermeiros é uma destas formas, pois permite obter competências e habilidades necessárias para o desempenho da profissão, complementares à aprendizagem oferecida na graduação, por intermédio da prática profissional supervisionada regulamentada conforme a Lei federal 9.608 9⁽⁷⁾. Tal atividade não gera vínculo empregatício nem obrigações de natureza trabalhista, previdenciárias ou afins.

Optou-se pela utilização do referencial teórico do Interacionismo Simbólico. Ele se constitui em uma perspectiva teórica que possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam os objetos e as outras pessoas com as quais interagem e como tal processo de interpretação conduz o comportamento

¹Este texto é parte da tese de doutorado Serviço voluntário: a busca da interação de saberes teóricos e práticos pelo egresso em enfermagem para a inserção no mercado de trabalho, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em 2015.

*Enfermeira Doutora em Enfermagem, Hospital Universitário Regional de Maringá, Maringá, PR, Brasil. E-mail: acsvictor@uem.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9639-1402>.

**Enfermeira, Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana, Professora Associada e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da EPE/UNIFESP, São Paulo, Brasil. E-mail: camagnani@unifesp.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5816-8207>

***Doutora em Enfermagem, Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da EPE/UNIFESP, São Paulo, Brasil. E-mail: simplesmenteluizinha@yahoo.com.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4344-1116>

individual em situações específicas⁽⁸⁾, como aquela vivenciada pelo enfermeiro no início de sua carreira.

Considerando que as evidências atuais indicam que o serviço voluntário de enfermagem se justifica na aquisição de habilidades necessárias para atender às exigências inerentes à profissão, bem como é um diferencial curricular frente ao concorrido mercado de trabalho. Tendo ainda em vista uma lacuna na produção científica da enfermagem abordando esta temática, o presente estudo buscou compreender o significado atribuído pelo egresso de enfermagem à experiência de atuar como voluntário no início de carreira.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo de natureza qualitativa, tendo como referencial teórico o Interacionismo Simbólico, que se fundamenta no pressuposto de que a ação humana é mediada conforme os significados atribuídos às coisas e como estes significados se relacionam com as experiências ao longo da vida⁽⁸⁾. Em consonância com o referencial teórico eleito, a análise qualitativa de conteúdo com abordagem convencional configurou-se como referencial metodológico pertinente, uma vez que é utilizada para descrever e promover o conhecimento e o entendimento de determinado fenômeno, quando a literatura a respeito do mesmo é escassa⁽⁹⁾.

O cenário foi um hospital universitário considerado referência na região do norte do Estado do Paraná. Participaram da investigação 20 enfermeiras, sendo 13 provenientes de instituições privadas de ensino e sete de públicas, que exerceram o serviço voluntariado e que foram identificadas a partir do registro de Serviço Voluntário da Direção de Enfermagem do Hospital Universitário Regional de Maringá (HURM). A amostra foi obtida por saturação dos dados, obedecendo os seguintes critérios de inclusão: enfermeiros que exerceram no mínimo 6 meses de serviço voluntário e que estiveram e/ou estavam estabelecidos no mercado de trabalho.

A coleta de dados ocorreu durante os meses de agosto e setembro de 2014, e a abordagem utilizada foi a entrevista semiestruturada, com as seguintes questões norteadoras: “Conte-me como foi o processo de decisão para atuar no serviço voluntário. Como foi sua experiência em atuar no Serviço Voluntário?”. As entrevistas foram gravadas, após autorização das participantes, em meio digital e

tiveram duração média de 30 minutos. Para garantir o seu anonimato, elas foram identificadas pelas letras “EV” (enfermeira voluntária), seguidas do número de ordem das entrevistas.

Os depoimentos foram transcritos na íntegra, sendo submetidos à análise de acordo com preceitos da Análise de Conteúdo⁽⁹⁾, constituindo categorias representativas do fenômeno estudado. O estudo respeitou as exigências éticas formais contidas nas normas nacionais e internacionais regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados permitiu a compreensão dos significados atribuídos por enfermeiras que tiveram a experiência de exercer o serviço voluntário no início da carreira. As dimensões desta experiência foram apresentadas nas seguintes categorias: Vivenciando dificuldades na interação com o mercado de trabalho; Pensando em estratégias para inserir-se no mercado de trabalho; Exercendo o serviço voluntário; Enaltecendo a experiência de vivenciar o serviço voluntário.

Vivenciando dificuldades na interação com o mercado de trabalho

Para a enfermeira voluntária, a busca para garantir uma vaga no mundo do trabalho no início de sua vida profissional foi um evento de desafios, permeado pelas dificuldades vivenciadas na interação com o mercado de trabalho. Um dos elementos que tornaram esta experiência difícil foi a falta da experiência profissional exigida, considerando que, durante sua trajetória em distribuir currículos, observava que a contratação era sempre de profissionais experientes.

Saí da faculdade e comecei procurando emprego e nada! Mais ou menos 3 a 4 meses procurando emprego [...]. Fiz muitas entrevistas, mas não dava certo, tinha testes seletivos, provas, entrevistas [...] a exigência era experiência. (EV9) Geralmente, o que se via era que as pessoas buscavam enfermeiras com experiência e, como eu era recém-formada, foi bem difícil. (EV17)

De fato, diversas dificuldades enfrentadas na empregabilidade estão relacionadas com a exigência de experiência determinada pelo mercado de trabalho. Este aspecto tem sido evidenciado na literatura, chamando a atenção para o fato de que o

mercado de trabalho do enfermeiro está cada vez mais exigente e complexo, por ser um espaço que sofre influências de fatores sociais, políticos, econômicos e dos avanços tecnológicos e científicos. São requeridos profissionais qualificados, que atendam ao perfil pautado em competências com evidências em nível científico, capacidade de inovação e poder de ação⁽¹⁰⁻¹¹⁾.

Além da experiência exigida pelo mercado de trabalho, a enfermeira voluntária buscava seu primeiro emprego sabendo da concorrência. Referiu-se que, devido à expansão dos cursos de graduação em enfermagem, aumentou o número de profissionais lançados no mercado de trabalho, ocasionando uma maior competitividade pela vaga de emprego.

A gente sabe que não vai ser fácil conseguir emprego. Hoje há vários cursos de enfermagem, recém-formados tem de monte e você vai concorrer com aquilo tudo, com certeza. (EV5)

Tá muito concorrido e cada ano que passa mais enfermeiros estão chegando, então vai ficando pior. (EV20)

A expansão dos cursos de graduação em enfermagem é, em si, uma evidência. Nas últimas décadas, houve considerável aumento na oferta de cursos de graduação em enfermagem. No período de 2007 a 2017 constatou-se um aumento de 52% e, no ano de 2017, 955 instituições e cursos de educação superior de enfermagem, no Brasil, estavam cadastrados no Ministério da Educação⁽¹²⁾.

Se, por um lado, esta expansão é reconhecida como um fenômeno positivo, com as vantagens de democratização do acesso ao ensino superior, da maior disponibilidade de profissionais no mercado e da aderência às demandas da saúde da população, por outro, a abertura indiscriminada de novos cursos acarreta algumas consequências desfavoráveis. Como exemplos, a desigualdade geográfica na distribuição destes cursos e maior número de profissionais para serem absorvidos pelo mercado de trabalho, indicando que há tendência de desemprego, informalidade trabalhista e estagnação da renda, além da falta de garantia de uma formação de padrões mínimos de qualidade^(5,13).

Uma vez que não tinha a experiência profissional exigida pelo mercado de trabalho, e sabendo da concorrência entre a categoria, na percepção da enfermeira voluntária, esta falta de experiência profissional estava relacionada à sua formação, consequência de ‘muita’ aula teórica e

‘pouca’ prática, ocasionando insuficiência de procedimentos realizados e sentimentos de medo para o exercício profissional. Em sua percepção, deveria haver mais aulas práticas para oportunizar a vivência da realidade como ela é. Ela avaliou, então, que a graduação não a preparou conforme as exigências do mercado de trabalho.

Querendo ou não, a gente sai cru da faculdade [...] infelizmente todo mundo que converso, todo recém-formado, me fala isso: “Não me sinto preparado [...] sinto que tem procedimentos que eu não realizei na graduação, sinto que não estou preparado.”. (EV8).

Eu acho, como todo mundo, a gente sai meio cru, né [...] sai com muito medo, você não sabe muito bem o que vai fazer [...] você tem medo de tudo [...] eu acho que tinha que ter mais estágios, mais prática, viver a realidade como é [...]. a gente vê muita teoria, teoria... e depois a realidade é outra. (EV3)

A falta de oportunidades nos estágios durante a graduação, muitas vezes, faz com que o aluno não vislumbre nem tenha a chance de realizar todas as técnicas. Dessa forma, os alunos concluem a graduação levando consigo muitas dúvidas e inseguranças, causadas pela pouca experiência⁽¹⁴⁾. A prática na graduação deveria propiciar ao aluno uma reflexão sobre a ação profissional e visão crítica, apoiadas pela supervisão, como processo dinâmico e criativo, com o intuito de possibilitar a elaboração de novos conhecimentos⁽¹⁵⁾.

Pensando em estratégias para inserir-se no mercado de trabalho

A partir das dificuldades vivenciadas na interação com o mercado de trabalho, a enfermeira voluntária compreendia a necessidade de agir em prol de si mesma, ao pensar em estratégias para sua inserção no mercado de trabalho. As limitações impostas para sua contratação a remeteram à busca de meios que agregassem experiências para seu desenvolvimento profissional.

As recusas foram um ‘empurrão’ para continuar, ir em frente. Você vê que falta alguma coisa, então você vai buscar mais coisas. (EV4)

Eu precisava ter experiência para conseguir alguma coisa, ir atrás de um diferencial. (EV5)

Nesta busca, por meio da interação social, a enfermeira voluntária teve conhecimento do serviço voluntário, entendido como proposta que favoreceu a aquisição de habilidades práticas para o seu

desenvolvimento profissional e que serviu como um facilitador para sua inserção no mercado de trabalho.

O que me levou a partir para o voluntário foi buscar este conhecimento que só a prática vai me dar. O livro poderia me dar, mas praticando eu iria melhor conhecer, desenvolver e aprender. (EV6)

Quando me falaram do voluntariado para enfermeiros no hospital universitário, fiquei muito animada. Porque, além de adquirir experiência prática, tinha certeza que depois seria mais fácil arrumar emprego. (EV12)

O Interacionismo Simbólico se fundamenta no pressuposto de que a ação humana é mediada conforme os significados atribuídos às interações vivenciadas, passando a ação do indivíduo a se orientar a partir deste significado⁽⁸⁾. Desta forma, o significado de vivenciar dificuldades para inserção no mercado de trabalho é expresso na motivação da busca de um diferencial que atenda às exigências do mundo do trabalho. Em conformidade com este resultado, estudos^(6,15) revelaram que os egressos em enfermagem sentem-se estimulados a fortalecer seus conhecimentos diante de obstáculos, conscientizando-se da importância da educação permanente como ferramenta para novas possibilidades no mercado de trabalho.

Exercendo o serviço voluntário

Exercer o serviço voluntário é uma trajetória desafiadora para a enfermeira voluntária. Em meio à expectativa da oportunidade de desenvolver habilidades para atingir seus objetivos profissionais, ela, ao mesmo tempo, temia por assumir novas responsabilidades e novas demandas de atitudes e competências. Inicialmente, a enfermeira voluntária receava quanto ao setor de especialidade em que atuaria. Referiu que as razões eram decorrentes da inexperience e das interações vivenciadas na graduação com a especialidade, as quais não tinham sido positivas, originando símbolos manifestados em sentimentos de insegurança e medo.

Quando comecei no voluntário, estava me sentindo bem insegura... o estágio de Ginecologia e Obstetrícia da faculdade foi muito fraco. Então, o básico eu não tinha segurança para fazer. (EV16)

A expectativa era tão grande em trabalhar no pronto atendimento, que me sentia feliz e ao mesmo tempo em pânico. Me perguntava: será que vou conseguir aprender alguma coisa? (EV10)

Comumente não se reserva uma opção de escolha de especialidade para o recém-formado, nem qual o local em que deve atuar dentro de um serviço de saúde. O conflito é então vivenciado pelo enfermeiro recém-formado e manifestado pelo antagonismo da orientação generalista da graduação, confrontado com a organização dos serviços de saúde, especificamente na área hospitalar, que tem as especialidades como direção. É frequente um recém-formado trabalhar em áreas de especialidade sem ter habilidade técnica e, à primeira vista, as novas e específicas exigências não são coincidentes com as experiências da graduação, tanto em termos de conhecimento teórico quanto prático⁽¹⁶⁾. Essa condição foi destacada também em outro estudo no qual as enfermeiras recém-formadas expressaram sentir insegurança, ansiedade e até angústia ao prestar cuidado a pacientes em unidades de maior complexidade⁽⁶⁾.

Neste contexto de adaptação à especialidade, consequentemente a interação com a equipe multiprofissional do setor especializado se fazia presente. Quando o ambiente era dificultado por questões de relacionamento interpessoal, a enfermeira voluntária revelou sua angústia, que remeteu ao sentimento de frustração e rejeição, desencadeando reações de choro, desejos de fuga e renúncia ao serviço voluntário.

No começo foi bem difícil, tive muito problemas de relacionamentos. O problema maior foi com as enfermeiras, por incrível que pareça [...], elas sabiam que eu precisava dessa experiência, tratavam como se eu fosse auxiliar de enfermagem para elas [...], sentia vontade de sair correndo, eu chorava, eu ia para o banheiro e chorava lá mesmo. (EV8)

O lidar com o ser humano, com a equipe, é muito mais difícil do que com o serviço ou o paciente. Não fui aceita por alguns enfermeiros e técnicos num contexto geral. Porque são pessoas que já estão ali há muito tempo, né. Pessoas que já têm seu espaço, sua maneira de trabalhar e muitas vezes não estão abertas para sugestões ou querer explicar alguma coisa. (EV10)

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelo egresso em enfermagem é sua aceitação por muitos membros da equipe de enfermagem, ocasionada especialmente pela falta de experiência, gerando resistência à figura do recém-formado pela desconfiança de seu preparo para a atuação como profissional⁽¹⁷⁻¹⁸⁾. Em um estudo que investigou os desafios enfrentados pelas enfermeiras no início da

profissão, verificou-se que, para obterem confiança e credibilidade da equipe, foram requeridos empenho, paciência, dedicação e habilidade⁽¹⁰⁾.

Diante do acolhimento não favorável, a enfermeira voluntária atribuiu significados a tais interações, passando a orientar sua ação a partir deste significado. Fez indicações para si, ponderando e priorizando suas necessidades, e decidiu permanecer no serviço voluntário. Para tanto, buscou por estratégias que pudessem lhe garantir o alcance de seus objetivos no serviço voluntário e adotou atitudes que simbolizavam a superação das dificuldades vivenciadas.

Eu dizia para mim mesma: não vou desistir, porque eu preciso, eu quero adquirir essa experiência. Sabia que era importante para mim. Depois de uns 2 meses fui pegando confiança maior, e aí elas foram mudando um pouco a postura comigo. (EV8)

Então parte da equipe te aceita, a outra não. Então você tem que driblar isso. Por eu não ser efetiva no serviço, preferi não atuar em cima disso, preferi me afastar de algumas pessoas. Porque, quer queira ou não, eu precisava desta experiência com eles, tanto com os enfermeiros como com os técnicos. (EV10)

Tentei fazer de tudo para agradar. Acompanhei primeiramente os técnicos [...] fiquei um período desempenhando a função de técnico. Mostrei realmente que vim para aprender, essa foi a minha postura para eu conseguir o meu espaço. Se eu cruzo meus braços e espero atribuições de enfermeiro, somente de enfermeiro, eu seria rejeitada. (EV6)

A aceitação na equipe, como profissional, é apontada como meta a ser conquistada pelo novo enfermeiro. A busca da integração, do fazer parte e ser visto como um integrante da equipe, muitas vezes, apoia-se na demonstração da efetividade da sua destreza técnica e habilidades com a equipe, procurando impressionar e conquistar confiança e reconhecimento⁽¹⁹⁻²⁰⁾.

Por conseguinte, as atividades realizadas no serviço voluntário foram tanto assistenciais como administrativas, predominando as assistenciais. Para as dificuldades vivenciadas no serviço voluntário, algumas enfermeiras justificavam pela carência de experiências no período da graduação.

Tive maior dificuldade em relação à diluição de medicamentos, por mais 'bobo' que seja. Por ser criança, nunca mexi com medicação em pediatria quanto à questão de você triplicar dosagens e contar volume de equipo. Quando fiz estágio em pediatria na faculdade, era aquela coisa básica: conversa com as

crianças, interage com os pais [...] a parte de diluição de medicamentos foi a parte mais difícil até eu aprender bem. (EV5)

Quando fiz meu estágio no centro cirúrgico e central de material e esterilização, eu não vi praticamente nada, aí eu cheguei lá e, quando me jogaram aquele monte de pinças com aqueles nomes lindos... (rs) Aí, até você se acostumar, começar assimilar nome com a pinça, aquele monte de material, material de óxido [...] então, no começo tive dificuldades, mas aí depois fui pegando o jeito. (EV19)

Teve muitas coisas novas que eu não vi na graduação, alguns tipos de patologias da gravidez [...] e, daí, quando aparecia eu ia pesquisar, porque eu não sabia o que era e nunca tinha visto, daí eu ia pesquisar e outro dia já sabia o que era. (EV16)

As possíveis causas de predominância das dificuldades encontradas ao iniciar a carreira são decorrentes das oportunidades insuficientes no estágio durante a graduação, seja pela demanda prejudicada pela ausência de procedimentos ou pela situação precária dos campos de prática⁽⁴⁾.

Podemos argumentar que, de modo geral, as unidades destinadas à realização dos estágios (hospitais e postos de saúde) são afetadas com as deficiências pelas quais passa o setor público brasileiro. As instalações e equipamentos são precários, e há carência de profissionais, em termos quantitativos e qualitativos. Tais condições interferem e desqualificam a maioria dos campos para a prática dos alunos⁽²⁰⁾.

Enaltecendo a experiência de vivenciar o serviço voluntário

Exercer o serviço voluntário para enfermeiros no início de carreira significou a possibilidade da interação de saberes teóricos e práticos que não haviam sido totalmente dominados durante a graduação. Bem como funcionou como ferramenta de formalização de sua experiência profissional para empregabilidade.

O setor que fiz o voluntário, o pronto atendimento, você pega mais prática, você consegue entender mais o paciente, a doença do paciente, coisas que a gente não aprende na faculdade, a ter um olho clínico. (EV1)

Fazendo o voluntário, comprovei a experiência exigida, sem contar a segurança que adquiri para assumir o primeiro emprego, principalmente a segurança em realizar procedimentos, discutir

patologias, intermediar os momentos de conflitos, foi muito bom. (EV12)

O voluntário foi oportunidade de conhecer a realidade da profissão e aprimoramento técnico, o que facilitou minha entrada no mercado de trabalho. (EV13)

O contato direto com a realidade, pautado na oportunidade de desenvolver competências essenciais em todas as dimensões do cuidado humano e nos diversos contextos do processo de trabalho da enfermagem, proporciona ao profissional preparo para atender às exigências para inserção no mercado de trabalho. Os estágios extracurriculares são considerados como meio de suprir as dificuldades encontradas durante a formação e de promover vivências não oportunizadas durante as atividades acadêmicas. Além disso, as habilidades voltadas para a realidade prática são desenvolvidas e aperfeiçoadas, e um diferencial é agregado ao currículo, favorecendo o ingresso no mercado de trabalho⁽²¹⁻²²⁾.

Os benefícios do serviço voluntário apontados pelas entrevistadas emergiram em críticas à sua formação. Avaliaram que o estágio da graduação não proporcionou um escopo de conhecimentos técnicos suficientemente capazes de suprir as necessidades para a formação científica e prática do enfermeiro, derivadas das deficiências dos locais de campos e das condições insuficientes de procedimentos didáticos, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos.

A graduação não me preparou na prática, faltou prática. Peguei estágios em lugares horríveis, não tínhamos o que fazer lá, a gente não tinha a prática, a vivência real. Graças a Deus, no voluntário eu tive pessoas que me ajudaram nos procedimentos, pois a maioria dos procedimentos invasivos eu só tinha a teoria. (EV7)

Meus estágios foram muito ruins. A única coisa que fiz foi aplicar injeção, fazer uma 'punçãozinha', isso quando dava, porque era sorteio, nós éramos em sete, era por 'filinha indiana', para mim deixou a desejar. (EV7)

O estágio curricular supervisionado deve ser uma atividade acadêmica bastante rica para a formação profissional, por ser o momento em que o estudante entra em contato direto com a realidade de saúde da população e do mundo do trabalho, com o intuito de possibilitar o desenvolvimento pessoal e profissional, e a consolidação de conhecimentos adquiridos no transcorrer do curso, por meio da relação teoria-prática^(3,23).

No ensino da graduação em enfermagem, de maneira geral, as escolas encontram dificuldades na incorporação das propostas para incrementar as mudanças na formação dos profissionais estabelecidas pelas diretrizes curriculares nacionais de enfermagem, principalmente aquelas relativas à aquisição, ao desenvolvimento e à avaliação das competências e das habilidades dos conteúdos essenciais, e das práticas/estágios^(14,21).

O desafio é transpor as exigências das diretrizes curriculares, formando profissionais que superem o domínio teórico-prático exigido pelo mercado de trabalho, como agentes inovadores da realidade inseridos e valorizados no mundo do trabalho⁽²⁴⁾.

Nessa perspectiva, torna-se indispensável que as escolas de enfermagem adaptem seus currículos e suas práticas pedagógicas, e que a reforma curricular seja um dos caminhos para a mudança necessária nesta formação do enfermeiro⁽²⁵⁾.

Neste estudo, a enfermeira voluntária sugeriu estratégias para a melhoria da formação do enfermeiro, como o aumento da carga horária dos estágios e a necessidade de inclusão da residência em enfermagem como realidade exequível ao processo formativo de especialista nas áreas da enfermagem e da saúde. Pois, em sua percepção, proporcionaria ao estudante de enfermagem vivenciar a realidade para melhor interação dos saberes teóricos e práticos, bem como melhor colocação no mercado de trabalho.

É uma pena que na enfermagem não é como a medicina, que tem o internato. Porque isso faz o profissional, você ir lá, na prática, pegar e fazer, acho fundamental. É o que falta na faculdade de enfermagem. (EV1)

Enfermagem poderia ser como alguns outros cursos, como direito, por exemplo, que eles exigem o estágio em um escritório de advocacia durante a graduação. Isso traria uma oportunidade para o estudante de enfermagem, teriam uma visão da realidade. Acho que isso seria uma experiência para ele poder se colocar melhor no mercado de trabalho. (EV14)

Como recomendação da aplicabilidade desta pesquisa, propõe-se uma transformação dos currículos dos cursos de graduação em enfermagem, o que implica em possibilitar maior interação entre saberes teóricos e práticos. Esta transformação perpassa pela necessidade de que o futuro profissional de enfermagem conheça as peculiaridades do mercado em que deseja atuar e

pela busca das qualificações necessárias para o desenvolvimento do perfil profissional.

Acreditamos que tal transformação permitirá melhor integração ao mundo do trabalho, antecipando o que os futuros profissionais encontrarão. E, assim, preparando-os para essa transição e os adaptando aos novos saberes e às novas tendências tecnológicas da enfermagem, auxiliando-os no desenvolvimento de competências definidas como essenciais para ser um profissional de sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou a compreensão de que exercer o serviço voluntário, para enfermeiros no

início de carreira, significou a possibilidade da interação de saberes teóricos e práticos que não haviam sido totalmente dominados durante a graduação. Bem como funcionou como ferramenta de formalização de sua experiência profissional para empregabilidade.

Destaca-se que a formação do enfermeiro requer transformações que considerem as reais tendências do mercado de trabalho, tanto no que se refere ao impacto da empregabilidade, quanto no que diz respeito à necessidade de melhor qualificação no processo de formação. Sugerem-se, a título de continuidade, novas pesquisas que possibilitem identificar outras formas de inserção no mercado de trabalho para egressos de cursos de graduação, além do que aqui foi analisado.

VOLUNTARY WORK FOR THE NEWLY GRADUATED NURSE: STRATEGY FOR INSERTION IN THE LABOR MARKET

ABSTRACT

Introduction: The search for insertion in the labor market by the newly graduated nurse subjects her/him to complex situations at the beginning of career, related to the demand for experience and competitiveness in the current nursing scenario. **Objective:** To understand the meaning attributed to the experience of volunteering by newly graduated nurses, at the beginning of their careers. **Method:** Qualitative study conducted through interviews with 20 nurses who volunteered at a university hospital. Symbolic Interactionism was adopted as a theoretical framework and, the Content Analysis as a methodological framework were used. **Results:** For the volunteer nurse, the professional experience required by the labor market and the high competition to job openings were the elements that made this experience difficult, as a result of poor training and the increasing numbers of undergraduate nursing courses. **Final considerations:** Exercising voluntary work allows the interaction of theoretical and practical knowledge that was not fully mastered during nursing school, as well as working as a tool for formalizing professional experience for hiring.

Keywords: Nursing. Volunteers. Job market. Education, Nursing.

SERVICIO VOLUNTARIO PARA EL ENFERMERO RECIÉN GRADUADO: ESTRATEGIA PARA INSERCIÓN EN EL MERCADO LABORAL

RESUMEN

Introducción: la busca por la inserción en el mercado laboral del enfermero recién graduado lo pone ante situaciones complejas en el inicio de su vida profesional, relacionadas a la exigencia de experiencia y competitividad en el escenario actual de la enfermería. **Objetivo:** comprender el significado dado por el egreso de enfermería a la experiencia de actuar como voluntario en el comienzo de la carrera. **Método:** estudio cualitativo realizado por medio de entrevistas con 20 enfermeras que prestaron servicio voluntario en un hospital universitario. El Interaccionismo Simbólico fue adoptado como referencial teórico y, como referencial metodológico, se utilizó el Análisis de Contenido. **Resultados:** para la enfermera voluntaria, la experiencia profesional exigida por el mercado laboral y la fuerte competencia por vacante de empleo fueron los elementos que volvieron esta experiencia difícil, como resultado de una formación deficiente y del aumento de la expansión de los cursos de pregrado en enfermería. **Consideraciones finales:** prestar servicio voluntario posibilita la interacción de saberes teóricos y prácticos que no fueron totalmente dominados durante el pregrado, así como funciona en cuanto herramienta de formalización de su experiencia profesional para empleabilidad.

Palabras clave: Enfermería. Voluntarios. Mercado de Trabajo. Educación en Enfermería.

REFERÊNCIAS

1. Leal LA, Soares MI, Silva BR, Bernardes A, Camelo SHH. Clinical and management skills for hospital nurses: perspective of nursing university students. *Rev Bras Enferm.* 2017; 71(suppl 4):1514–1521. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0452>.
2. Meira MDD, Oliveira GS, Silva MCH, Kurcgant P. Avaliação por

Egressos Como Indicador de Qualidade do Processo de Formação na Graduação. *Rev Ciências Gerenciais.* 2018; 22(35):68-74. Doi: <http://dx.doi.org/10.17921/1415-6571.2018v22n35p68-74>.

3. Pafume SM, Silva EC, Andrade ADC. Contribuição da formação em uma universidade privada para inserção dos enfermeiros no mercado de trabalho. *J Nurs Heal.* 2018; 8(1):e1881092. Doi: <http://doi.org/10.15210/jonah.v8i1.12731>.
4. Oliveira NVD, Pires AS, Gonçalves FGA, Tavares KFA, Baptista

ATP, Bastos TMG. Formação em enfermagem e mundo do trabalho: percepções de egressos de enfermagem. Aquichan. 2017 [citado 06 mai 2020];17(2):204–16. Doi: <http://dx.doi.org/10.5294/aqui.2017.17.2.9>.

5. Machado MH, Koster I, Aguiar Filho W, Wermelinger MCDMW, Freire NP, Pereira EJ. Mercado de trabalho e processos regulatórios – a Enfermagem no Brasil. Cien Saude Colet. 2020; 25(1):101–12. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020251.27552019>.

6. Berghetti L, Franciscatto LHG, Getelina CO. Formação do enfermeiro acerca do gerenciamento: entraves e perspectivas. Rev Enferm do Centro-Oeste Min. 2019; (9):e2820. Doi: <https://dx.doi.org/10.19175/recom.v19i0.2820>.

7. Brasil, Presidência da República. Lei no 9.608 de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências [online]. Brasília, DF; 1998. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9608-18-fevereiro-1998-365398-norma-actualizada-pl.pdf>.

8. Carvalho VD De, Borges LDO, Rêgo DP Do. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. Psicol Ciência e Profissão. 2010; 30(1):146–61. Doi: <http://doi.org/10.1590/S1414-98932010000100011>.

9. Hsieh H-F, Shannon SE. Three Approaches to Qualitative Content Analysis. Qual Health Res. 2005;15(9):1277–88. Doi: <https://doi.org/10.1177/1049732305276687>.

10. Leal LA, Soares MI, Silva BR da, Chaves LDP, Camelo SHH. Challenges to develop competencies in the hospital framework. Reme Rev Min Enferm. 2018; 22(e-1099). Doi: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20180042>.

11. Püschel VADA, Costa D, Reis PP, Oliveira LB de, Carbogim FDC. Nurses in the labor market: professional insertion, competencies and skills. Rev Bras Enferm. 2017; 70(6):1220–6. Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0061>.

12. Lima AF, Lopes LCS, Soane AMNC, Fortes AFA. Nursing graduates: potentialities in the professional education process to promote the insertion in the labor market. Indagatio Didact. 2017; 9(4):65–80. Doi: <https://dx.doi.org/10.34624/id.v9i4.715>.

13. Lima ICS. Expansão dos cursos de enfermagem no nordeste: crescimento versus qualidade. Rev Interdiscip. 2016;9(4):142–8. Disponível em: <https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/802>.

14. Francisco AM, Costa MCG Da, Hamamoto CG, Hafner MDLMB. Avaliação da formação de enfermeiros: o reflexo dos métodos de ensino-aprendizagem e pressupostos curriculares na prática profissional. Avaliação Rev da Avaliação da Educ Super. 2016; 21(2). Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772016000200009>.

15. Andrade LDF de, Souza SO de, Medeiros HA de, Pinto MB, Santos NCC de B, Lima ÉAR. Evaluation of subjects that develop the theme management in nursing. Ciência, Cuid e Saúde. 2016; 15(2):275–281. Doi: <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v15i2.28247>.

16. Rodrigues RM, Contemo S de FR, Guedes GC. Formação na graduação em enfermagem e impacto na atuação profissional na perspectiva de egressos. Interfaces da Educ. 2015 [citado em 15 fev 2020]; 6(17):26–43. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/744>.

17. Cunha MA da, Capistrano ACD, Rebello R, Raitz TR. A inserção profissional de enfermeiros recém-formados. Rev Gepesvida. 2019; 9(1):47–58. Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/333>.

18. Nassif AA, Pereira SC. Perfil dos egressos do curso de enfermagem de uma universidade do planalto norte catarinense. Brazilian J Dev. 2019; 5(12):32996–3008. Doi: <http://doi.org/10.34117/bjdv5n1>.

19. Pereira T, Bezerra MR, Barros M. Relações interpessoais da equipe de enfermagem no ambiente de trabalho. DeCiência em Foco. 2019; 3(1):65–81. Disponível em: <http://revistas.uninorteac.com.br/index.php/DeCienciaemFoco0/article/view/271>.

20. Oliveira WA. Enfermagem: desafios e dificuldades no início da carreira. Rev Enferm da FACIPLAC. 2017;2(2):1–18. Disponível em: <http://revista.faciplac.edu.br/index.php/REFACI/article/view/267>.

21. Moreira LR, Siqueira AT, Santos PT, Ladislau VN. Percepção do enfermeiro acerca da formação acadêmica para o exercício profissional | Enfermagem Revista. Enferm Ver. 2018; 21(1):34–50. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/enfermagemrevista/article/view/17896>.

22. Tonhom SF da R, Moraes MAA de, Pinheiro OL. Nurse's training centred on professional practice: perception of students and professors. Rev Gauch Enferm. 2017; 37(4):e63782. Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.04.63782>.

23. Lima AF, Lopes LCS, Soane AMNC, Fortes AFA. Nursing graduates: potentialities in the professional education process to promote the insertion in the labor market. Indagatio Didact. 2017; 9(4):65–80. Doi: <http://doi.org/10.34624/id.v9i4.715>.

24. Mattia BJ, Kleba ME, Prado ML do. Formação em enfermagem e a prática profissional: uma revisão integrativa da literatura. Rev. Bras. Enferm. 2018; 71(4): 2039-2049. Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0504>.

25. Netto L, Silva KL. Entre o velho e o novo: avanços e desafios na construção/reconstrução de currículo de enfermagem. Rev Enferm do Centro-Oeste Min. 2017; 7. Doi: <https://doi.org/10.19175/recom.v7i0.1634>.

Endereço para correspondência: Ana Cleide Soares Victor. Rua Professor Giampero Monacci, 402 apto 32, Jardim Novo Horizonte, CEP 87010-090, Maringá, PR, Brasil. Telefone: (44) 99922-2535 Email: acsvictor@uem.br

Data de recebimento: 26/04/2019

Data de aprovação: 18/06/2020